

Videobrasil, vencendo as barreiras da televisão

Cláudio Odri

Com a divulgação dos vencedores do IV Videobrasil, mais uma etapa na história do vídeo no Brasil terá sido completada. Mais de duas mil pessoas acompanharam, na última segunda-feira, a performance de Aguillar reabrindo o MIS — Museu da Imagem e Som — depois de um ano em reformas. O grande interesse do público forçou os organizadores a providenciarem senhas para o Grande Auditório (com capacidade para pouco mais de 170 espectadores), onde foram apresentados os vídeos em concurso. Aqueles que não conseguiram as senhas, assistiram aos vídeos da competição noutra dependência do Museu.

Não faltaram atrações. Os vídeos de arte, os trabalhos do Vídeo Data Bank, a exposição Alquimistas da Imagem, além dos debates. Alguns com discussões acaloradas (Televisão, Concessão e Legislação), outros com “briguinhas” de bastidores para iniciados (Descentralização da Televisão). As TVs comunitárias estiveram presentes. Primeiro foi a TV do Bixiga: montou um estande divulgando seu trabalho e uma apresentação dos Meninos do Bixiga. Depois foi a vez da TV Pelourinho, de Salvador. Lançada neste Videobrasil, tem como proposta a integração e o incentivo à produção de programas por moradores daquele bairro.

As apresentações dos vídeos da competição provocaram, na platéia, as mais diferentes reações. Certamente, nenhuma delas se igualou à estranha sensação provocada por Ryth M(o)z, de Tadeu Jungle. Será com certeza, injustiçado: ganhando ou não. Atitude menos estranha e mais irada teve um “punk” da platéia durante a exibição de A Experiência Cruspiana, de Nilson Couto. Num trecho do vídeo aparece a “inevitável” banda “punk” tocando um hino do apocalipse. Nosso “punk” não deixou por menos: cantou junto! Mais adiante, durante depoimentos sobre a situação dos punks no Crusp, nova intervenção: berros histéricos. As manifestações durante a exibição de A Experiência Cruspiana deixam uma única cer-

teza: o problema das moradias na USP ainda não foi resolvido.

Oscilando entre o bocejo da indiferença diante de alguns vídeos inexplicavelmente selecionados e a atenção compenetrada a que alguns trabalhos impeliem, o público foi — salvo as exceções — complacente. O mesmo não se esperou do júri. Sem a divisão por categorias, o trabalho dos juízes foi complexo e delicado. Os critérios foram definidos por eles a partir do que viram. Alguns trabalhos tinham cuidadosas elaborações técnicas para idéias desgastadas. Por outro lado, trabalhos com idéias originais foram mal resolvidos ou tinham soluções técnicas aquém do esperado. A tarefa foi árdua, mas ninguém poderia supor a solução que o júri encaminhou. Vexame total a transferência do prêmio de VHS para o U-Matic.

Deslizes e contratempos não faltaram, mas também não comprometeram o IV Videobrasil. Desde as inscrições até a presença de público, um avanço. A grande conquista deste Videobrasil foi o espaço obtido na RTC. Pequeno e num horário ingrato, a TV Cultura exibiu os vídeos apresentados na noite anterior da mostra. Com exceção dos VHS, para os quais a RTC alegou não dispor do equipamento adequado e salvo a censura e a boa vontade dos funcionários da RTC, tudo foi ao ar. Assim, um número maior de pessoas pôde ter acesso a um outro tipo de TV, com outro ritmo e outras preocupações. Parece, que este ano o Videobrasil rompeu as fronteiras do MIS e saiu em busca do seu verdadeiro espaço: a TV!

Cláudio Odri é colaborador do Caderno 2



Presença da TV Pelourinho de Salvador, Bahia, no IV Videobrasil